

Savarú (ou Xavarú), é um índio desgarrado da tribo dos Carajá, da Ilha do Bananal. Mora ali pela altura das Cangas, 60 quilômetros abaixo de Aruanã. Muito conhecido das caravanas de pescadores que acampam naquela região, Savarú presta serviços aos turistas, principalmente quando não pegam peixe e pedem ao índio para arpoar para eles um pirarucú. Idade indefinível, aparenta aí por uns 60 anos. Calado, contemplativo, fica olhando o que a gente faz e parece estar sempre se divertindo, calado, às nossas custas. Deve achar-nos uns animais muito estranhos. Dentro da paz relativa que criou para si, Savarú não é de criar caso, nem polêmicas. Responde geralmente às nossas perguntas ou curiosidade, procurando um meio de agradar ao interlocutor:

- Parece que hoje vai dar muito peixe, hein, Savarú?

- É... hoje pêsse munto. Hoje bão... Munto pêsse.

A mesma hora chega outro e pergunta: -

- Com êste tempo, parece que hoje não dá peixe, não, né, Savarú?

- É... hoje rúim. Hoje pêsse nada. Tempo rúim, pêsse nada. Rúim hoje.

Ou: - Você nunca matou onça, não, né, Savarú?

- Não. Matô onça nunca nada. - Mas, Savarú, nunca? Nem uma?

- Matô uma só. Tava canoa, onça pulô dento. Branco correu tudo. Eu meteu borduna. Matô. Matô onça. Moreu, onça.

É um completo "yes-man".

Certo dia o Lorimé chegava no hotel das Cangas levando à mão uma piranha preta, de cerca de um quilo, único troféu de uma tarde de pescaria. Do outro lado chegava o Savarú com um pintado de mais ou menos quatro quilos. Lorimé, por brincadeira, propoz: -

- Quer trocar, Savarú?

- Qué. Qué tocá.

Entregou ao Lorimé o pintado e saiu pra o seu rancho com a piranha e muito satisfeito.

Lorimé não entendia aquilo:

- Mas... êsse índio é besta assim?

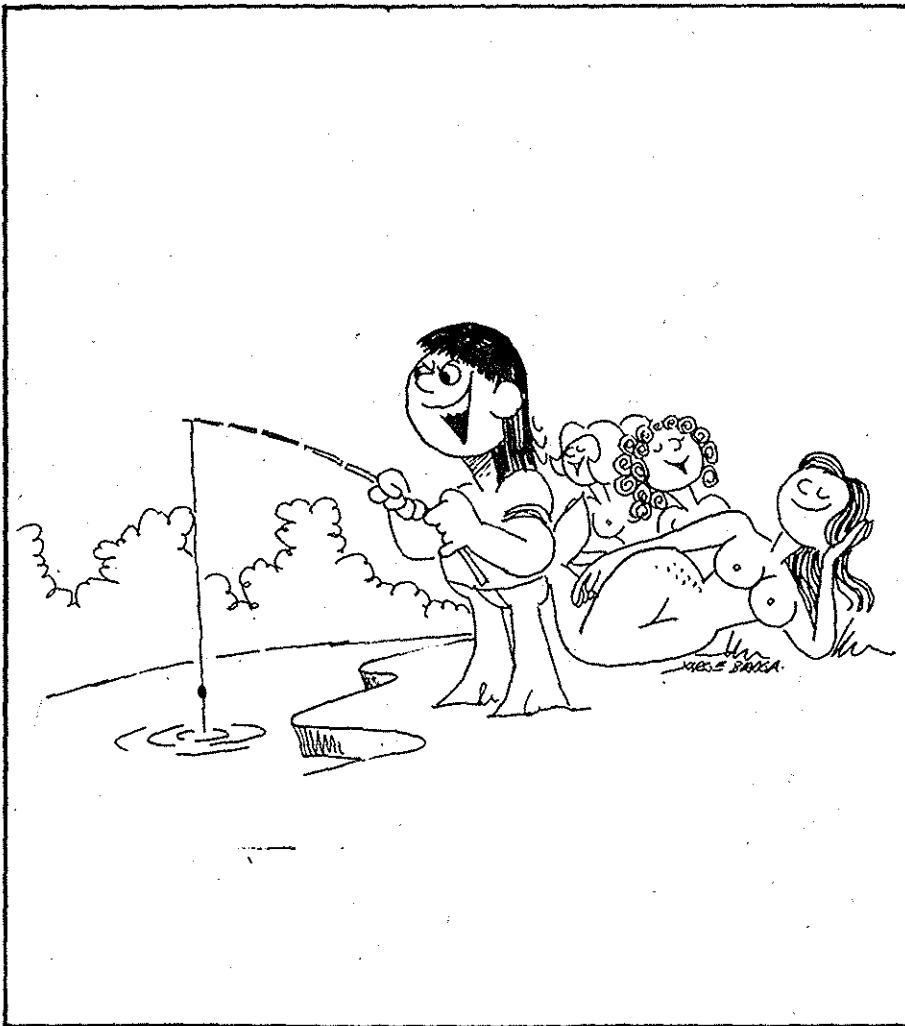
- Você acha que fez bom negócio? - pergunta o Valdir.

- Claro! Uma piranha por um pintado?!

- Éle fez melhor ainda. Índio nãc come peixe de couro.

Numa noite de confidências, à beira do fogão, Savarú comentava conosco: -

- Branco estagou índio. Índio num pesta mais.



- Zaraquí - disse baixinho, me avisando.

Com gestos lentos, trocou as tralhas. Pasou o remo para entre as pernas e pegou a arma. Sem fazer a pontaria que se pensa deva ser feita com a flexa, mas num gesto brusco e violento, partiu a flecha para a água, mas sem resultado. Savarú errara o alvo.

Nem um gesto de decepção, nenhuma emoção pelo erro. Trocou remo e armas e seguiu remando tranquilamente pelas águas mansas. Logo depois outro sinal e outro aviso de novo Jaraquí. Nova flexada, novo erro. Recolheu a flexa tranquilo e seguimos. Da terceira vez que flechou um peixe e, tornando a errar, Savarú, antes tão triste, caiu numa gargalhada sem fim. Depois de rir muito, sem que eu atinasse a razão, êle respondeu à minha pergunta: -

- Que foi, Savarú?

- Ficô teis meis meio de branco, esqueceu índio. Tá branco tudo.

Há um caso que é comentado em todos os meios de pescarias, cada um contando a seu modo, citando

- Por que, Savarú?

- Doce estagou dente. Dente num pesta mais. Sal estagou forgo. Índio num tem mais forgo.

- E a pinga, Savarú?

- Ah, pinga estagou cabeça tudo!

Certa vez - e isto foi trágico para ele - Savarú teve que passar três meses em Goiânia, pois a esposa, tuberculosa, estava internada em estado grave no Hospital J.K., onde acabou falecendo. Quando o índio retornou às Cangas, foi comigo, em meu carro, inconsolável com a perda de sua índia velha.

Apesar de ainda choroso, Savarú atendeu meu convite para irmos juntos ao lago, para ele flechar peixes. Reboquei a pequena canoa do índio até a boca do lago e dali fui em sua companhia. Ele remando o frágil casquinho. É belo, um cara remando, com os movimentos perfeitos, sem ruído de remo na água ou na canoa! Savarú, com arco e flecha presos entre as pernas, remava com uma só mão, pesquisando as margens, procurando peixes dignos de sua flexa.

nomes de pessoas as mais descontraídas. Já se tornou uma espécie de folclore das histórias do Araguaia. Vou vender o peixe, sem ter certeza com quem aconteceu, mas que é verdade, muitos afirmam que sim. Lá vai: -

Contam as boas línguas que todos os anos um grupo de senhores - os mais respeitáveis - organizava uma pescaria no Rio Araguaia. Pescaria rica, completa, com conforto de cama e mesa. Cada um deles arranjava uma "gata", escolhida a dedo, meninas lindas, para servir de companhia de leito nas noites cálidas do rio amigo. Era uma festa! Era uma alegria! Dez dias seguidos de descontração, de bebidas finas, de risos alegres, de carraspanas homéricas, de muito amor fluvial. E imaginem quem era convidado para servir de guia e atração do acampamento? Justamente o Savarú, que se divertia muito naquele ambiente alegre e descontraído.

Numa das vezes, quando o grupo se preparava para mais uma festa na praia, as esposas se reuniram e fizeram uma reclamação: -

- Ora, todas as famílias iam juntas para o Araguaia, por que só eles teimavam em ir sós?

Mil desculpas, mil coisas, mil arranjos: "tirava a liberdade dos amigos. Pescaria era coisa de homem. Muito mosquito. Elas iam se dar mal", e etc. etc.

Não houve jeito. Teimaram porque teimaram e os maridos tiveram que ceder. Desta vez a caravana partia muito familiar, sem aquela ruidosidade das outras. Mas, tudo bem. E lá foi de novo o Savarú para o acampamento da turma.

Mas as esposas não davam tréguas ao índio:

- Savarú, racha a lenha ali pra gente.

- Savarú, busca água.

- Savarú varre o acampamento.

- Savarú isso, Savarú aquilo!

Saco de índio também enche. O do Savarú encheu.

A hora do jantar, famílias reunidas, musiquinha no rádio, cheiro de comida, os homens bebericando uma cervejinha, Savarú chega ao chefe da caravana e, à vista de todos, disse:

- Eu ficô mais aqui não. Vai embora.

- Embora por que, Savarú?

- Muezada dessa vez munto enzoada. Munto sata! Oces troxe rapariga munto feia e sata agora. Tudo feia sata e bariguda. As ôta mió. Vai embora.

Montou no casquinho e se mandou.

CEIDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Top News

Data: 24/03/1978

Pg: 52

Class.: 52